

## A prática do Jorn@lismo em redes, no [Am@zon@s](#): do jornalismo digital ao jornalismo em tempo real<sup>1</sup>

Gilson Vieira Monteiro<sup>2</sup>

Universidade Federal do Amazonas (Ufam)

### Resumo

Trata-se de uma reflexão teórica cujo objetivo é propor um modelo de análise da prática do jornalismo em redes, denominado *Ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet* e, a partir desse modelo propor uma taxionomia da prática do jornalismo na internet, uma vez que as denominações até então utilizadas não correspondem ao significado preciso dos termos.

### Palavras-chave

Jornalismo em redes; jornalismo digital; webjornalismo; jornalismo em tempo real; taxionomia.

### Introdução

A partir da constatação de que há várias denominações para a prática do jornalismo em redes, faz-se necessário elaborar um modelo teórico (e de análise) que seja capaz de auxiliar o processo de mensuração e taxionomia do estágio em que se encontra a prática do jornalismo em redes.

De acordo com KOTLER<sup>3</sup>, “um produto, uma classe de produto ou mesmo uma tecnologia existe para preencher uma necessidade, do indivíduo ou da sociedade.” A necessidade de se comunicar e de ter acesso à informação, por exemplo, é intrínseca ao ser humano. O nível de mudança de uma necessidade é denominado por ANSOFF<sup>4</sup> de *curva do ciclo de vida da demanda e da tecnologia*. De acordo com o modelo proposto por ele, uma tecnologia ou produto passa pelo estágio do *surgimento*, do *crescimento acelerado*, do *crescimento desacelerado*, da *maturidade* e do *declínio*.

Esse modelo de ANSOFF foi a base para um modelo muito usado na área de administração de marketing: o *ciclo de vida do produto*(CVP), que retrata estágios distintos

---

<sup>1</sup> Artigo científico apresentado ao eixo temático “Jornalismo e novas formas de produção da informação”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup> O professor Gilson Vieira Monteiro é Coordenador do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) [gilsonmonteiro@ufam.edu.br](mailto:gilsonmonteiro@ufam.edu.br).

<sup>3</sup> KOTLER, Philip. *Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

<sup>4</sup> ANSOFF, Igor. *Implantando a administração estratégica*. São Paulo: Atlas, 1993.

no histórico de vendas de um produto. O CVP retrata esse histórico de vendas numa curva em forma de **S**. Essa curva apresenta quatro estágios: *introdução*, *crescimento*, *maturidade* e *declínio*.

O estágio da *introdução* é marcado pelo crescimento lento das vendas. A fase do *crescimento* é caracterizada pela rápida aceitação do produto no mercado. O estágio da *maturidade* caracteriza-se pela redução do crescimento das vendas em função de o produto ter sido aceito pela maioria dos compradores potenciais. Por fim, há o período do *declínio*, no qual as vendas apresentam uma queda substancial.

Em tese, a matriz do *ciclo de vida do produto* pode ser montada para se analisar vários eventos da história da humanidade. A ascensão e queda de Alexandre da Macedônia, por exemplo, poderia ser analisada a partir da matriz do CVP, bem como seria possível se montar uma matriz para analisar prática do jornalismo em redes, no mundo. Essa matriz apresentaria as seguintes fases:

**Introdução:** É a fase em que o jornalismo “deixa” o papel como suporte e passa a ser praticado através das redes embrionárias. O videotexto, que foi tragado pela Internet e nem chegou a se popularizar, serviu como suporte nessa fase embrionária. O Minitel francês, por exemplo, uma rede de videotexto que ainda existe naquele país (e até mesmo em São Paulo), é um exemplo dessa fase de introdução à prática do jornalismo em redes.

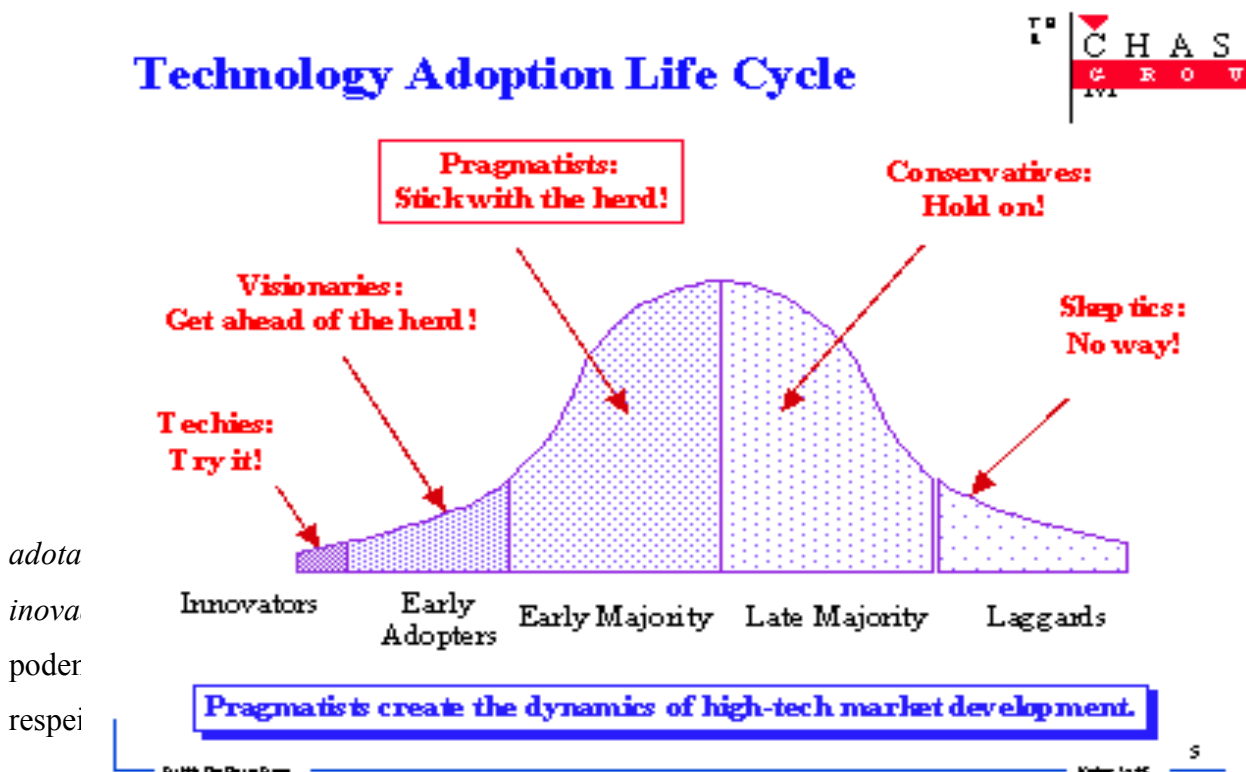
**Crescimento:** A fase atual do jornalismo em redes pode ser caracterizada como de crescimento. Nessa fase, o suporte para publicação das notícias deixa de ser as redes particulares e passa a ser a rede mundial de computadores, com todas as suas possibilidades técnicas. As empresas jornalísticas tradicionais migram para a Internet, passam a oferecer o produto online mas ainda não sabem, claramente, o que oferecer nesse novo suporte. Para algumas empresas, essa fase pode ser caracterizada como de “crescimento desordenado”, pois, em se tratando do conteúdo, esse é uma mera transposição do suporte papel para o suporte digital.

**Maturidade:** Pode ser caracterizada como a fase na qual o jornalismo em redes passa a ser praticado levando em conta todas as possibilidades técnicas existentes. Passa-se a usar o suporte digital não apenas como se fosse o texto impresso em um novo suporte. Imagens, sons e textos são usados no processo de “fabricação” da notícia. Nessa fase de maturidade do jornalismo em redes o leitor (usuário) recebe apenas notícias relacionadas às suas áreas de interesse. O jornal também passa a dar ênfase à prestação de serviços, tanto podendo oferecê-

los quanto indicar *links* para os serviços públicos disponíveis na rede. Boa parte dos jornais que estão na Internet ainda não atingiu essa fase.

**Declínio:** De um modo geral, quanto à prática do jornalismo em redes, a fase de declínio ainda não chegou e talvez nem chegue. Em se tratando de aplicar a matriz de CVP, a um determinado caso, ou empresa que tenha falido, por exemplo, essa fase, logicamente, já foi até ultrapassada.

Embora, em tese, a matriz CVP possa ser usada como base para as análises deste trabalho, ainda se poderia usar a curva de adoção, de ROGERS<sup>5</sup>, que também é chamada de *ciclo de vida da adoção de tecnologias*. Essa é uma curva que se assemelha à *curva do ciclo de vida do produto* e é usada como modelo teórico para medir o uso e a aceitação não apenas de novas tecnologias. Pode ser usada, também, para se localizar o estágio em que se encontra a aceitação de uma nova prática ou técnica. A figura abaixo apresenta a configuração do ciclo de vida de adoção da tecnologia.



inovadores. São líderes de opinião e tomam decisões prudentes. Suas decisões por inovações são motivadas internamente. Os *adotantes não-imediatos* deliberam; adotam inovações antes

<sup>5</sup> ROGERS, Everett. *Diffusion of innovations*. ?, 1983.

da média e seguem outros ao adotar inovações, porém, raramente, saem na dianteira. As motivações para a adoção são externas.

Os *adotantes tardios* caracterizam-se por serem céticos. Adoram novas tecnologias ligeiramente após a média. Optam por essa adoção por razões econômicas ou por razões próprias, não por utilidade. São pouco dispostos a arriscar recursos escassos e são motivados externamente para adotarem novas tecnologias. Os *retardatários* são tradicionais. É o último do grupo a adotar uma nova tecnologia e não tem quase nenhuma liderança de opinião. O passado é o ponto de referência. Limitam recursos e estão pouco dispostos a arriscar.

### **Do jornalismo digital ao jornalismo em tempo real**

Seria perfeitamente possível se montar uma matriz de adoção da prática do jornalismo em redes utilizando-se as categorias propostas por ROGERS. No entanto, essas categorias não atenderiam às especificidades inerentes à prática do jornalismo. O ideal é se criar uma nova matriz, tendo como base a observação das matrizes do *ciclo de vida do produto* e da *adoção de tecnologias*. Essa nova matriz, exclusivamente medirá o *ciclo de adoção à prática do jornalismo em redes*.

Essa matriz não pode levar em conta apenas o eixo empresarial, de um lado, e o eixo editorial, do outro. Ela deve levar em conta as possibilidades técnicas para a disponibilização de arquivos digitais na rede mundial de computadores. Mas precisa, também, fundamentalmente, levar em conta a questão dos conteúdos, da apresentação das notícias, enfim, da prática do jornalismo, a partir de uma visão global, mas, em consonância com o suporte que está sendo usado.

Assim sendo, a empresa que estivesse usando a Internet para apresentar notícias com base na convergência de mídias, ou seja, usando escrita, som e imagem, simultaneamente, estaria no estágio mais avançado da prática do jornalismo em redes. Ao passo que, aquelas que apenas transpõem o noticiário do jornal impresso para o suporte digital, estariam na fase mais rudimentar.

Essa classificação, porém, só teria sentido a partir de conceitos bem claros do que seja jornalismo digital, jornalismo online e real-time journalism. Isso se faz necessário porque ainda há equívocos e controvérsias quanto ao uso de cada um dos termos ou expressões. Antes de se discutir os esses conceitos, é básico, por exemplo, a necessidade de se fazer a distinção entre *dados* e *informações*. Há autores que tratam “dados” e “informações” como se

fossem sinônimos. Propomos, para este trabalho, uma distinção simples, quase elementar, mas que pode contribuir, em muito, para dirimir dúvidas.

Recursos informacionais, em estado bruto, disponíveis, por exemplo, nos bancos de dados, tanto particulares quanto na rede mundial de computadores, podem ser, genericamente, chamados de “dados”. Só se transformam em “informações” quando trabalhados, isto é, analisados, interpretados e postos à disposição dos usuários em formatos que possam ser facilmente entendidos pela maioria das pessoas.

De forma simplificada, poderíamos dizer que um fato jornalístico é um conjunto de “dados” que, após passar pelo processo de captação, transforma-se em “informação”. De posse da informação, o profissional de jornalismo, por exemplo, faz suas análises, adapta a informação ao meio através do qual ela circulará (processo de produção e distribuição) e transforma a “informação” em notícia.

Os vários números de um jornal impresso, por exemplo, quando classificados e armazenados adequadamente, formam o arquivo do jornal. Esse arquivo, ou seja, a coleção de números do jornal, ao longo do tempo, é um banco de dados, cujo suporte é o papel. Trata-se de um banco de dados analógico. Esses jornais, poderiam ser microfilmados e postos à disposição, para consultas, em microfimes. Formariam um banco de dados, cujo suporte, ainda seria analógico.

Essa mesma coleção de números de um jornal impresso pode ser digitalizada, ou seja, suas quantidades físicas ou dados são representados em forma numérica (linguagem binária, de zeros e uns). A digitalização possibilita que os dados sejam processados por computadores. Assim sendo, passa-se a ter um banco de dados cujo suporte não é mais analógico mas sim, digital, ou seja, pode ser processado por computadores.

Poder ser processado por computadores, porém, não garante que o jornal será acessado pelos seus leitores (usuários) que possuem um microcomputador, uma linha telefônica, um modem e um provedor de acesso. O modem é um dispositivo que converte os sinais binários de um computador em sinais analógicos de som. Esses sinais podem ser transmitidos através de uma linha telefônica comum. No destino, ou seja, no outro computador interligado, os sinais são demodulados, isto é, novamente transformados em sinais digitais. Esse processo é a “alma” da Internet.

Para que o usuário da Internet possa ter acesso a um jornal que esteja disponível em um banco de dados digitalizado é preciso que esse (o jornal) tenha um endereço na Internet. O endereço é formado pela sigla http (Hypertext Transfer Protocol), seguida de dois pontos e

duas barras inclinadas, da sigla www (World Wide Web) e de um ponto. Após o ponto, vem o endereço propriamente dito. No caso do jornal A Crítica, de Manaus, por exemplo, o endereço na Internet é <http://www.acritica.com.br>. O Hypertext Transfer Protocol (protocolo de transferência de hipertexto) é que permite o uso da rede mundial de computadores.

Dessa forma, há certa impropriedade na expressão “jornalismo online” para significar todo o tipo de jornalismo praticado na Internet. A expressão “online” é formada por um adjetivo e um advérbio e significa “em linha”. Estar online, por conseguinte, é, literalmente, estar conectado (em linha), através de um terminal ou dispositivo, e sob o controle de um computador central. O terminal (microcomputador) está em linha com um computador de grande porte, o antigo *mainframe*, que hoje não precisa ser de grande porte (no tamanho) mas precisa ser grande na capacidade de processamento. Nas redes, esse computador é denominado de servidor.

BASTOS<sup>6</sup> faz distinção entre as expressões “jornalismo online” e “jornalismo digital” ou “ciberjornalismo”. Para ele, jornalismo online é a utilização da rede “como instrumento privilegiado de contato com as fontes e de pesquisa de conteúdos.” O ciberjornalismo ou jornalismo digital (para ele as duas expressões se equivalem) significa a produção de textos jornalísticos “na rede e para a rede.”

A classificação de BASTOS, porém, apesar de tentar desfazer o equívoco histórico de considerar tudo o que está na Internet como online, não desfaz as dúvidas. Considerar que, ao se utilizar a rede “como instrumento privilegiado de contato com as fontes e de pesquisa de conteúdos”, se está praticando jornalismo online é tão incorreto quanto considerar *online* e *real time*, expressões equivalentes.

Ora, um jornalista pode muito bem usar a Internet para se aproximar das fontes e pesquisar conteúdos sem que, no entanto, a publicação para a qual escreve esteja disponível na rede. O trabalho de captação pode até ter sido online, mas a análise dos dados, a produção da matéria e sua circulação (impressa) serão offline, ou seja, fora da linha, desconectada de um computador central. Portanto, o simples fato de se usar a rede para obter dados não se caracteriza como prática de jornalismo online. Há outros elementos que precisam ser levados em conta na hora de definir o jornalismo online, uma fase da prática do jornalismo em redes.

---

<sup>6</sup> BASTOS, Hélder. *Jornalismo electrónico: Internet e reconfiguração de práticas nas redacções*. 1999. Universidade Nova de Lisboa (Mestrado).

SQUIRRA<sup>7</sup> apresenta um conceito fundamental para a definição de jornalismo online. Ele diz que “no ciberespaço é possível navegar dentro de um texto com recurso do hipertexto (escrita não-seqüencial), que sucessivamente leva o leitor a outros documentos localizados em outros centros e computadores, muitas vezes funcionando em diferentes partes do globo.”

Assim sendo, a partir da definição de SQUIRRA, o ciberespaço pode ser entendido como um banco de dados hipoteticamente infinito, ao qual o usuário tem acesso a partir do momento em que se conecta, ou seja, passa a ficar online. Dessa forma, é pressuposto básico para a definição de jornalismo online, que o material produzido pelo jornalista esteja disponível no ciberespaço.

Pode-se produzir um jornal, com o auxílio da rede tanto para o contato com as fontes quanto para captar dados, lançá-lo em Compact Disk ROM (CD-ROM) e vendê-lo ou distribuí-lo gratuitamente, como encarte de um jornal impresso. Esse hipotético produto será um jornal essencialmente digital, produzido offline, mas não pode ser considerado um jornal online, a não ser que passe a ser disponibilizado no ciberespaço.

Ao considerar “jornalismo digital” e “ciberjornalismo” como expressões equivalentes, BASTOS comete, novamente, equívoco grave. Como já se disse e se comprovou anteriormente, o fato de ser digital não necessariamente significa ser ciberespacial. Um jornal em CD-ROM é digital mas não é ciberespacial. Logo, é impróprio tratar as duas expressões como sinônimas.

A produção de textos jornalísticos na rede e para a rede pode ser definida, de acordo com a tese de BASTOS, como “ciberjornalismo”. A definição é, outra vez, equivocada, por não ser exata. O termo ciberjornalismo pode até ser usado para definir um estágio da prática do jornalismo na Internet. No entanto, é perfeitamente possível que textos jornalísticos sejam produzidos offline e depois disponibilizados na rede (ciberespaço). Não há dúvidas que, dessa forma, também se estaria praticando o ciberjornalismo.

Textos jornalísticos produzidos na rede e para a rede, simultaneamente à ocorrência do fato jornalístico, definem uma nova categoria da prática do jornalismo em redes: o *real time journalism*. Real time é tempo real, ou seja, tempo de processamento que tem a mesma ordem de magnitude do problema a ser resolvido. Em outras palavras, se o problema é fazer chegar ao usuário uma informação na mesma ordem de magnitude (ou seja, no momento em que o fato está acontecendo), o tempo de processamento terá que ser imediato, simultâneo.

---

<sup>7</sup> SQUIRRA, S. [Jorn@lismo online](#). São Paulo: CJE/ECA/USP, 1998. [Original em cópia reprográfica]

O *real time journalism*, em tese, ainda não pode ser praticado, se a expressão for levada ao extremo, pois há um *delay* (tempo de espera) entre a solicitação de acesso à informação e a chegada da informação ao computador do usuário que a solicitou. O usuário não teria acesso ao fato no momento exato em que ele acontece. Do ponto de vista didático, porém, é aceitável que se fale em *real time journalism*, para diferenciá-lo de *ciberjournalism*.

### **Estágios do jornalismo em redes**

As considerações feitas até agora sobre a prática do jornalismo na Internet, que vários autores genericamente denominam de “jornalismo online” (e que neste trabalho passamos a denominar de “jornalismo em redes”), já nos permitiriam propor uma nova categoria, uma nova classificação dos estágios da prática do jornalismo em redes, no ciberespaço. O modelo pode ser denominado *ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet*(CPJI).

O CPJI apresenta como primeiro estágio, o do jornalismo digital, ou seja, a simples transformação do conteúdo impresso (e analógico) em conteúdo digital. Um jornal cujo suporte fosse o CD-ROM, estaria nessa categoria. Esse mesmo jornal digital, poderia ser disponibilizado na rede mundial de computadores, através de um endereço eletrônico. Todas as vezes que um usuário conectado o acessasse, aquele jornal deixaria de ser apenas digital e passaria a ser, além de digital, online. Chega-se, então, ao segundo estágio, o do jornalismo online.

Depara-se, também, com um enorme problema: qual seria o elemento que diferenciaria o jornalismo online do ciberjornalismo? O problema é parcialmente solucionado se acrescentarmos um novo elemento apresentado por SQUIRRA (1998): o texto com recurso de hipertexto. Dessa forma, o jornal digital que estiver disponível no ciberespaço, com textos lineares (sem o recurso de hipertexto) será considerado jornal online. Por contraste, o jornal digital (online) que apresentar o texto com recursos de hipertexto será denominado de ciberjornal.

Surge então a necessidade de um novo elemento, fundamental para a definição do último estágio da prática do jornalismo na Internet: o tempo, ou seja, a simultaneidade do fato com a divulgação do mesmo. Assim, o jornal digital que possuísse todas as características das categorias anteriores e cujas notícias fossem disponibilizadas simultaneamente, ou seja, no momento em que o fato estivesse ocorrendo, seria denominado de jornal em tempo real (real

time newspaper). Quem produz um jornal em tempo real, portanto, está praticando o jornalismo em tempo real (real time journalism).

As fases da prática do jornalismo na Internet, resumidamente, seriam estas:

*Quadro 2: Ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet*

<b>Fases/Categorias</b>	<b>Características</b>
Jornalismo digital	Transformação do conteúdo impresso (analógico) em conteúdo digital
Jornalismo online	Jornal digital disponível na Internet, mas o texto não apresenta recurso de hipertexto
Ciberjornalismo	Jornal digital disponível na Internet com o texto possuindo recursos de hipertexto
Jornalismo em tempo real	Jornal digital disponível na Internet com o texto possuindo recursos de hipertexto, bem como as notícias sendo apresentadas no exato momento em que o fato jornalístico estiver ocorrendo

As categorias apresentadas no quadro acima já solucionariam tanto o problema da taxionomia relacionada à prática do jornalismo na Internet quanto o da determinação da fase em que determinada empresa (ou jornal) se encontra no processo de evolução do jornalismo em redes. A variável tempo, porém só aparece como determinante na última fase. E ela é fundamental em todos os estágios.

Com o objetivo de “purificar” o modelo proposto, fez-se uma relação com o *ciclo de vida do produto* (CVP) e criou-se o *ciclo de vida das notícias* (CVN), tendo como base o jornal impresso. De forma geral, o ciclo de vida das notícias, ou seja, o tempo de renovação das notícias do produto impresso é de 24 horas. Para efeito de elaboração do modelo aqui proposto, assume-se que transformação pura e simples do jornal impresso em jornal digital, com o texto linear (sem recurso de hipertexto) também demora 24 horas. Assim, o CVN do jornal digital é igual ao do jornal impresso (24 horas).

Na prática, porém, o conteúdo do jornal impresso, geralmente, é transposto para a rede em menos tempo. Surge, então, a necessidade de se criar um novo estágio, uma nova categoria, que passou a ser denominada de pré-online. A característica dessa fase é o aproveitamento puro e simples do texto produzido para o jornal impresso. Como a

disponibilização das notícias demora menos tempo, assume-se que o CVN da fase pré-online é 18 horas.

Para efeito de proposição do modelo, qualquer CVN menor que uma hora e acima de cinco minutos é classificado como online. Quando o CVN for de 1 segundo até 1 minuto, para efeito dessa proposta de classificação, se estará falando de real time. Deve-se esclarecer que esses números não surgiram do nada. Nasceram da observação dos sites de vários jornais brasileiros, diariamente, durante dois anos. Assim sendo, o quadro abaixo resume o estágio e o CVN de cada estágio.

*Quadro 3: Ciclo de vida das notícias*

<b>Estágio</b>	<b>CVN</b>
Digital	24 horas.
Pré-online	18 horas.
Online	< 1 hora e > 5 minutos.
Ciber	< 5 minutos e > 1 minuto.
Real time	De 1 segundo a 1 minuto.

Sobrepondo-se o quadro do *Ciclo de vida das notícias* ao quadro do *Ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet* chega-se a um novo quadro do *Ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet*, que será a base para a realização do trabalho de campo que se pretende com essa pesquisa. O novo quadro apresenta a seguinte configuração:

*Quadro 4: Ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet*

<b>Estágios/Fases/Categorias</b>	<b>Características</b>
Digital	Transformação do conteúdo impresso (analógico) em conteúdo digital; CVN 24 horas.
Pré-online	Aproveitamento puro e simples dos textos do jornal impresso; CVN 18 horas.
Online	Jornal digital disponível na Internet, mas o texto não apresenta recurso de hipertexto; CVN < 1 hora e > 5 minutos.
Ciber	Jornal digital disponível na Internet, texto

	possui recursos de hipertexto, som e imagem; CVN < 5 minutos e > 1 minuto.
Real time	Jornal digital disponível na Internet; o texto possui todos os recursos da fase anterior, bem como as notícias são apresentadas no exato momento em que o fato jornalístico estiver ocorrendo; CVN “de 1 segundo a 1 minuto.”

## Conclusões

O *real time journalism*, em tese, ainda não pode ser praticado, se a expressão for levada ao extremo, pois há um *delay* (tempo de espera) entre a solicitação de acesso à informação e a chegada da informação ao computador do usuário que a solicitou. O usuário não teria acesso ao fato no momento exato em que ele acontece. Do ponto de vista didático, porém, é aceitável que se fale em *real time journalism*, para diferenciá-lo de *ciberjournalism*.

Percebe-se, ainda, que o *ciclo de adesão à prática do jornalismo na Internet*, e a classificação correspondente a cada uma das fases, tanto pode ser usado para se montar uma matriz da prática do jornalismo em redes. A classificação que naturalmente surge do modelo proposto também pode contribuir para uma nova taxionomia da prática do jornalismo na Internet.

Não se quer, com este trabalho, esgotar o tema, mas apenas propor uma discussão sobre a taxionomia atual tendo como base modelos utilizados no marketing. Talvez seja uma provocação, porém, o intuito é de provocar reflexões a respeito das denominações atuais.

## Referências bibliográficas

ANSOFF, Igor. **Implantando a administração estratégica**. São Paulo: Atlas, 1993.

BASTOS, Hélder. **Jornalismo eletrônico: Internet e reconfiguração de práticas nas redações**. 1999. Universidade Nova de Lisboa (Mestrado).

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e controle**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ROGERS, Everett. **Diffusion of innovations**. ?, 1983.

SQUIRRA, S. **Jorn@lismo online**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1998. [Original em cópia reprográfica]